

BRITO BROCA E ALEXANDRE EULALIO: AFINIDADES ELETIVAS

HOMERO SENNA  
Fundação Casa de Rui Barbosa

Em entrevista que há tempos nos concedeu e está hoje enfeixada nesse livro quase clandestino que é **República das Letras**, Afonso Arinos de Melo Franco nos falou do desejo que tinha de escrever um estudo sobre as amizades na literatura brasileira, ou melhor, de estudar a literatura brasileira através de alguns de seus vultos mais significativos, ligados a outros por estreita amizade. Exploraria então a afeição, o companheirismo, as "afinidades eletivas" que ligaram Tomás Antônio Gonzaga e Cláudio Manuel da Costa; Alvarenga Peixoto e Basílio da Gama; Porto-Alegre e Gonçalves de Magalhães. Mais recentemente, estudaria as relações entre Machado e José de Alencar; Afonso Arinos e Eduardo Prado; Bilac e Alberto de Oliveira; Euclides e Alberto Rangel. Ligando cada um desses vultos às respectivas correntes literárias, mostrando diferenças de temperamento, examinaria por fim a vida e a obra de Monteiro Lobato e Godofredo Rangel; Antônio Torres e Gastão Cruis; Manuel Bandeira e Ribeiro Couto; Gilberto Freyre e José Lins do Rego.

A idéia era um "achado", mas infelizmente ficou apenas em projeto. Afonso Arinos faleceu sem nos ter dado esse livro que poderia ser um dos mais ricos e interessantes da sua vasta bibliografia. A alguém que queira levar avante o projeto do autor de **Um Estadista da República**, lembraríamos que àquela lista de amigos acrescentasse os nomes de Brito Broca e Alexandre Eulalio, figuras que no ensaio e na história literária e de idéias, deram à nossa literatura contribuição das mais valiosas e perduráveis.

Fiquei, assim, feliz quando soube que, para este Seminário, me havia sido reservado preciosamente o tema "Brito Broca e Alexandre Eulalio: afinidades eletivas".

Está claro que, nesta breve comunicação, não vou fazer a história dessa amizade. Mas deixarei algumas indicações, "pontos de referência", como gostava de dizer Brito Broca, para que o assunto amanhã, venha a ser desenvolvido.

Antes de mais nada, assinale-se que era grande a diferença de idade entre Brito Broca e Alexandre Eulalio, escritores de gerações diferentes. De fato, aquele nasceu em Guaratinguetá em 1903, e este no Rio de Janeiro em 1932, embora gostasse de se fazer passar por mineiro de Diamantina, terra de seus ancestrais Felício dos Santos, pelo lado materno. Havia, portanto, quase trinta anos de diferença entre ambos. Por outro lado, em sua cidade natal, Brito Broca se limitou a diplomarse pela Escola Normal, onde se formavam professores primários. E Alexandre Eulalio, de 1952 a 1955, realizou o curso superior de Letras, na Faculdade Nacional de Filosofia.

Nada disso impediu, porém, que se entendessem admiravelmente. É que, predestinado à vida do espírito, Brito Broca conseguira suprir as lacunas forçosa-

mente deixadas em sua formação pelos estudos regulares, com um autodidatismo que só terminaria com a morte, e com uma sede de saber que transformava seus dias e noites em "horas de leitura".

Tal como já o haviam feito Genolino Amado, Jorge Lacerda, Simeão Leal, José Condé e outros, Alexandre Eulalio logo soube perceber o que valia o amigo Brito Broca, cujo livro *A Vida Literária no Brasil - 1900*, em 1956 conquistara nada menos de quatro das mais importantes distinções literárias do Brasil: o prêmio Paula Brito, da Secretaria de Educação do Rio de Janeiro; o prêmio Fábio Prado, da Sociedade Paulista de Escritores; o, prêmio Sílvio Romero, da Academia Brasileira de Letras; e o prêmio Lúsa Cláudio de Sousa, do PEN Clube do Brasil.

Em junho desse mesmo ano de 1956, sendo diretor do Instituto Nacional do Livro José Renato Santos Pereira, cria-se, como órgão dessa entidade, a *Revista do Livro*. Brito Broca torna-se seu colaborador. A partir do nº 8 (de dezembro de 1957), altera-se a direção da revista, passando Alexandre Eulalio a ocupar o cargo de Diretor-Responsável (em substituição a Carlos David) e Brito Broca a integrar o Conselho de Redação. Em março de 1959, nova modificação na estrutura da revista faz com que Brito Broca passe, juntamente com Alexandre Eulalio, a redator, posição em que permanece até à morte.

Foi nessa ocasião que se estreitaram entre ambos as relações de amizade, iniciadas em 1954, por intermédio do citado Carlos David. Terminado o expediente na redação da Revista, instalada no 4º andar da Biblioteca Nacional, as conversas entre os dois, e mais alguns amigos, continuavam, não raro, do outro lado da rua, na sucursal d'A *Gazeta*, que funcionava então no edifício Odeon, na Cinelândia.

Com grande finura psicológica e certa premonição do que iria acontecer entre ele - um solitário - e alguns amigos - dos quais Alexandre Eulalio seria o mais dedicado e fiel - um dia escreveu que "a inteligência é capaz de criar amizades mais duráveis do que o coração." E isto porque "as altas afinidades de espírito que aproximam duas almas excluem até certo ponto as manifestações grosseiras de egoísmo, que agem subterraneamente nos mais nobres impulsos do coração."

Levado para a direção da *Revista do Livro* e tornado funcionário público (coisa que nunca lhe havia acontecido antes), viu-se Brito Broca às voltas com a burocracia e com o único livro com que jamais conseguiu entender-se direito: o livro de ponto. É conhecido o depoimento do escritor Pereira Coelho, seu colega, na época, nessa repartição, a respeito da reação de Brito Broca diante da notícia de que, na véspera, tivera o ponto cortado:

*A colaboração de Brito Broca seria preciosa para a Revista do Livro, e por isso o INL contratou-o para dirigi-la juntamente com Alexandre Eulalio. Vi-o chegar e logo comecei a estimá-lo. Acompanhei com interesse os primeiros choques do boêmio com a burocracia. Não foram muitos e tinham sempre a mesma razão: ele se interessava exclusivamente pelo trabalho, e a burocracia exigia detalhes. Sua noção do dever era muito grande e, mal chegava, Brito Broca enfronhava-se no trabalho. O livro de ponto era para Brito Broca assinar. Batia na testa no gesto característico de quem havia esquecido, assinava e agradecia. Um dia veio de muito alto uma recomendação especial sobre o "ponto". Vi o número de Brito Broca em branco. Procurei-o inutilmente. Então fui obrigado a riscar o lugar da assinatura.*

No dia seguinte, o zeloso funcionário encontrou preso ao livro o seguinte "edital":

*Faço saber que ontem cheguei aqui ao meio dia, uma hora antes do meu horário normal, para ultimar os originais da introdução crítica da Enciclopédia que seu Caldas viria buscar às duas horas. Preocupado com os entendimentos que devia ter com ele ao entregar-lhe o trabalho, esqueci-me de assinar o ponto. Fui visto aqui por todas as pessoas, inclusive o diretor com quem tratei a respeito. Justamente às três horas, quando me afastei para comer alguma coisa, pois estava com um cafezinho desde as 9 horas da manhã, me cortaram o ponto. Brito Broca.*

Na **Revista do Livro** publicou Brito Broca vários artigos, como por exemplo "No Arquivo de Coelho Neto", estudo sobre a correspondência passiva do autor de **Sertão**, e "Quando Havia Província", capítulo de memória sobre a Guaratinguetá da sua infância e juventude.

Depois do sucesso do seu ensaio sobre a vida literária no Brasil - 1900, e talvez como resultado da relativa estabilidade que passou a ter como funcionário do INL, cresce sua produção literária. Do mesmo ano de 1956 é a sua biografia de Raul Pompéia, publicada pelas Edições Melhoramentos, de São Paulo. No ano seguinte, apareceriam o volume **Horas de Leitura**, vol. X da Biblioteca de Divulgação Cultural do INL, e **Machado de Assis e a Política e Outros Estudos**, lançado pela Organização Simões, do seu amigo Antônio Simões dos Reis. em 1960, tem ele a satisfação de ver a 2ª edição, revista e aumentada, de **A Vida Literária no Brasil - 1900**, publicada pela Livraria José Olympio na Coleção "Documentos Brasileiros", mas infelizmente sem as ilustrações que tanto valorizam a primeira.

Preparava-se Brito Broca para lançar o volume seguinte desse amplo painel da vida literária no Brasil - **A Época Modernista** - quando, na madrugada de 20 de agosto de 1961 (um domingo) - está fazendo agora trinta anos - morreu atropelado por um automóvel na Praia do Flamengo, na altura da Rua Dois de Dezembro.

A partir de então, continua Alexandre Eulalio a dar provas de amizade e apreço pela memória do companheiro desaparecido. Avisado por Carlos Ribeiro do trágico acontecimento, quando cheguei ao ambiente frio e inóspito do Instituto Médico Legal, na Avenida Mem de Sá, para onde havia sido levado o corpo, ali já encontrei Alexandre Eulalio. E na tarde desse mesmo domingo, em companhia de pessoas da família do escritor falecido, seguiu ele para Guaratinguetá, onde, no dia seguinte, se deu o sepultamento. Antes, o pequeno cortejo parou por um instante no saguão do edifício do **Correio da Manhã**, na Avenida Gomes Freire, para uma homenagem prestada pelos seus antigos companheiros de redação, quando falou o diretor do jornal, M. Paulo Filho.

De volta de Guaratinguetá, publicou Alexandre Eulalio no suplemento literário do **Correio da Manhã** de sábado seguinte, 26 de agosto, um comovido artigo, sob o título "Broca (José) Brito - verbete para uma enciclopédia em branco", que terminava assim:

*No teto da Igreja do Carmo da minha Cidade Diamantina está pintado, por um dos maiores artistas da Capitania das Minas, um Elias arrebatado pelo carro de fogo, que se debruça para entregar a capa de estamena branca da Ordem a Eliseno, assombrado. A capa é pesada demais para mim, Brito, e se eu a pego é para a dividir entre todos os nossos amigos comuns.*

Assim, de fato fez, e de maneira exemplar. Lembro-me da tarde em que,

transcorridos alguns meses, fomos - Alexandre Eulalio, Francisco de Assis Barbosa e eu - até ao pensionato em que residia, no bairro de Santa Teresa, a irmã dedicadíssima e depositária de todo o acervo do escritor falecido - Benedita Broca (Santinha) - e ali recolhemos todos os papéis e originais que nos foram confiados e que, por consenso geral, ficaram sob a guarda daquele saudoso amigo.

Em outubro de 1965, depois de participar, em Guaratinguetá, da I Semana Brito Broca, Alexandre Eulalio publicou, n' *O Globo*, onde mantinha uma coluna sob o título "Matéria & Memória" um artigo em que dizia, a respeito da obra inédita em livro, deixada por Brito Broca:

*Esta só poderá ser avaliada na sua verdadeira transcendência quando estiver reunida em volume. Tanto pela sua variedade e abundância, como pela assombrosa pesquisa original que encerra, e ainda pela visão de conjunto, fina e equilibrada, da evolução das nossas letras, constituirá uma autêntica surpresa mesmo para os críticos mais céticos e exigentes.*

E calculava que essa produção, mesmo sofrendo severa triagem, não seria recolhida por menos de dez tomos. Separado e classificado o rico material, viu-se que dava nada menos de 16 volumes. Destes, três Alexandre Eulalio teve a satisfação de ver lançados pela Editora Polis, de São Paulo: **Românticos, Pré-Românticos, Ultra-românticos** - Vida Literária e Romantismo Brasileiro; **Machado de Assis e a Política Mais Outros Estudos**; e **Ensaio da Mão Canhestra**. O que agora lançamos, durante a realização deste Seminário - **Papéis de Alceste** - que, a convite do organizador, tivemos o prazer de preparar e prefaciá-lo, é o quarto. De acordo com o plano original, ficam faltando ainda 12, que a Universidade de Campinas, graças aos esforços do Diretor da Editora da Unicamp, Prof. Eduardo Guimarães, e do Prof. Francisco Foot Hardman, pretende publicar. Com isto se terá prestado não só um inestimável serviço às nossas letras, pelo excepcional valor do acervo reunido, mas também significativa homenagem à memória desses ilustres pesquisadores e estudiosos da nossa cultura, um deles - Alexandre Eulalio - tão ligado aos altos propósitos culturais desta Universidade.